

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA NO ROMANCE HISTÓRICO PAULISTA

Antônio Barreto do Amaral
(Academia Paulista de História)

O romance histórico tem origem na frustração do poeta Walter Scott que, desiludido ante o sucesso de Lord Byron, que publicara **Perigrinação de Child Harold** e, com isso, obscurecera-lhe a popularidade, retornou a um romance que iniciara em 1805, e deixado de lado a fim de dedicar-se à composição de seus poemas.

Assim, em 1814, estava editado **Waverly**, o primeiro romance histórico.

O sucesso inesperado da obra, levou o autor a escrever novos romances, baseados no passado da Escócia e, a seguir da Inglaterra, o que lhe deu a primazia desse gênero literário de ficção, atingindo com **Ivanhoe**, em 1820, o apogeu da popularidade.

A nova estrutura dada ao romance, seduziu Alexandre Dumas, que cantou os feitos heróicos da França em várias obras, entre as quais a conhecida trilogia **Os Três Mosqueteiros**, **Vinte Anos Depois** e **O Visconde de Bragelone**, que o tornaram mundialmente famoso.

Não desprezaria a ficção levada à História o notável escritor e historiador português, Alexandre Herculano que, no fim do segundo quartel do século XIX, publicou obras notáveis de reconstituição da civilização gótica, árabe e portuguesa da Idade Média.

No Brasil, João Manuel Pereira da Silva, autor de obras apreciáveis, abrangendo discursos parlamentares, poesias, prosa de ficção e outras, tornou-se, em 1839, o precursor do movimento, o primeiro a introduzir, no país, o novo gênero literário, publicando, no Rio de Janeiro, **O Aniversário de D. Miguel em 1828**, que não passa de pequena novela de não mais de 33 páginas e, a seguir, **Rebelião, Amor e Pátria**, este de pouco maior extensão, publicado no "Jornal do Comércio" e no "Arquivo Popular" de Lisboa.

Outros o seguiram, como Justiniano José Pereira, Luís Carlos Martins Pena e, mesmo Francisco Adolfo Varnhagen, o futuro grande historiador brasileiro, então contando apenas 24 anos de idade, na esteira do romance histórico andaria. Publicou, em 1840, no órgão de renovação literária portuguesa, "Panorama", a **Crônica do Descobrimento do Brasil**,

obra curta e medíocre, espécie de novela, na qual procurou tornar mais conhecida a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Anos passados, José de Alencar estreou, em 1857, com o **Guarani**, de temática indianista e, sete anos mais tarde escreveu **As Minas de Prata** com o propósito de apresentar, em seus romances históricos, aspectos e motivos brasileiros tradicionais, como tema central.

Sua terra, sua gente e seus feitos, foram levados para o romance histórico pelo cearense Franklin Távora e pelo mineiro Bernardo Guimarães.

Em São Paulo, somente em 1895, apareceria, editado em Itu, o primeiro romance histórico, **O Paulista**, de autoria de Augusto César de Barros.

Trinta anos depois, em 1925, novo romance histórico viria à luz: **A Marquesa de Santos**, do inesquecível filho de Tatuí, Paulo Setúbal, o mestre do romance histórico paulista.

Outros autores seguiram-no tratando, com habilidade, temas históricos, os fastos de São Paulo. Os primórdios da Vila de Piratininga, o ciclo das Bandeiras, a escravidão, a imigração, o ciclo do café, o desbravamento do sertão, o surgimento das cidades, ofereceram painéis habilmente apresentados por Alfredo Ellis Júnior, Nuto Santana, Plínio Salgado, Afonso Schmidt, Rolmes Barbosa, Francisco Marins, José Herculano Pires e outros.

Entretanto, a grande saga paulista, a Revolução Constitucionalista, está, ainda a merecer uma grande apresentação por parte dos ficcionistas de São Paulo, pois a epopéia de 1932, não encontrou, até agora, o seu grande romancista, embora, não como tema central, haja figurado em quase uma vintena de obras.

Terminado o movimento, no ano seguinte, o destacado homem de letras, JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA, natural de Minas Gerais, autor, entre outros dos romances **Mau Olhado**, **Redenção** e **A Serpente que Dança**, publicou o romance **O Voluntário de Santa Teresinha**.

A maior parte do enredo passa-se na época da colheita em uma fazenda de café, situada no interior do Estado de São Paulo, onde se misturam, com os nacionais, imigrantes italianos, sírios, portugueses e lituanos.

São os primeiros dias da Revolução. E o autor escreve: "Os mais eloqüentes oradores ocupavam o microfone, exaltando a Causa, convocando aos outros Estados do Brasil numa exortação constante. Nesse ínterim, sucediam-se os apelos à generosidade paulista. O mais recente fora

a Campanha do Ouro. Dos escrínios, dos cofres, dos porta-jóias, das velhas arcas tradicionais começaram a despejar-se as coisas de valor, o ouro, a prata, as pedras preciosas”.

No ano seguinte, DAVID ANTUNES, sob o pseudônimo de Iago Joe, escreveu o romance **Incenso e Pólvora**. É o dia-a-dia, em uma residência da classe média, no interior do Estado, onde o assunto predileto é o “causo paulista”. Desenvolvem-se as cenas preparando o espírito do leitor para o tema central do romance, a Revolução Constitucionalista, narrada pelo autor da maneira irônica e satírica que caracteriza grande parte de seus livros, peripécias daqueles dias vividos na cidade. A Revolução, sentida longe das trincheiras, ganha, nas páginas desse romance, um colorido diverso de outras narrativas do mesmo gênero.

MOACIR CHAGAS, em seu romance naturalista aparecido em 1938, sob o título **Romance de um Coração**, lembra combates travados em Eleutério pelo regimento comandado pelo heróico Romão Gomes e os derradeiros dias da epopéia de São Paulo: “Quando aos festivos clarões da alvorada as metralhadoras adversárias começaram o sinistro e ininterrupto matraquear, e os projéteis, zunindo e ricocheteando, atingiram as trincheiras em meia-lua das tropas constitucionalistas, a inquebrantável intrepidez bandeirante repeliu galhardamente o impetuoso ataque. Após quinze horas de fuzilaria consecutiva e violentíssima, o trem blindado e as “costureiras” escorraçaram o inimigo da barranca do rio...”

O romance **Majupira**, publicado no mesmo ano, narra, com tamanha exatidão, em poucas páginas, os fatos que, na Serra da Mantiqueira, pouco acima de Cruzeiro, tiveram lugar, que é impossível não haver o autor JOÃO BATISTA DE MELO E SOUZA, deles participado. É todo o romance vivido em Piqueri, na serra, logo a cavaleiro do Túnel, pequeno povoado, sem importância, simples distrito de paz do município de Cruzeiro, encarapitado entre a Estrada de Ferro Sul Mineira e o precipício. Uma centena de casas, não mais, muito pobres, na única rua e uma pequena praça. Das mais empolgantes são as cenas descritas da luta que, naquelas cercanias, foi travada. Os célebres combates e o canhoneio sem cessar do setor Túnel, onde as forças atacantes, dez vezes superiores às dos constitucionalistas, sofreram revezes enormes e os paulistas que defendiam a garganta do Piqueri não cederam suas posições.

Têm, aqueles que lêem este romance oportunidade de tomar conhecimento, através das poucas páginas dedicadas à Revolução, de fatos acontecidos naquela frente de combate, quando a coluna de defesa do Túnel, posicionada no sítio de Cascata, articulava-se por Cruzeiro com os contingentes que combatiam na linha Pinheiros-Vila Queimada-Silveiras, enquanto, lá embaixo, no Vale do Paraíba, troava o canhão e o pipocar das metralhadoras espalhava ondas de terror por toda parte.

Leiamos: "... Deolindo sabia que o contingente vindo de São Paulo para guarnecer a passagem do Piqueri era constituída de algumas centenas de soldados e meia dúzia de oficiais, dispondo de pouco armamento e escassa munição. Contra esses espartanos das Termópilas brasileiras atirava a ditadura mais de cinco mil homens fortemente aparelhados, com metralhadoras do melhor modelo, canhões possantes e carros de salto.

Vieram os últimos dias de julho, os combates e o canhoneio continuaram sem cessar, no setor do túnel; as forças atacantes, dez vezes maiores de que os constitucionalistas, sofreram revezes tremendos e os paulistas que defendiam a garganta do Piqueri, não cederam suas posições. ... O Túnel não caiu. A Santa Casa de Cruzeiro estava cheia de feridos; o Orfanato e a casa grande do Itaitê eram hospitais de emergência; o cemitério do Piqueri recebeu muitas cruzes de madeira tosca, em que se liam os nomes de obscuros heróis tombados na luta; mas o Túnel não caiu".

FLÁVIO SEABRA PIRES DE CAMPOS, jornalista, após estreitar nas letras como poeta, escreveu o romance **O Planalto**, em 1939, história de um grupo de rapazes e de suas conquistas amorosas, incluindo no texto aspectos da cidade de São Paulo, durante a década de trinta.

A fim de compor um retrato autêntico da Paulicéia, não deixou de ilustrar os quadros com o episódio ocorrido na noite de 23 de maio de 1932, na Praça da República, com a campanha do ouro para o bem de São Paulo e aspectos da Revolução: "9 de Julho. À noite, do Pátio da Faculdade de Direito, entre as arcadas sob as quais sonharam Castro Alves, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo, desfila, muda e entusiasmada, a mocidade de São Paulo. Batalhão Acadêmico, Batalhão Borba Gato, Pais Leme, 14 de Julho, Piratininga... Durante o dia inteiro as pedras de São Paulo, espantadas, sentem os tacões dos moços que preferem morrer a viver no que julgam vergonha. Por isso, lá vão eles, rumo ao Norte, onde está o adversário. Eles não entendem nada daquilo tudo, nunca dispararam um fuzil, nunca manejaram uma metralhadora, mas é preciso partir e para morrer em defesa da honra não é preciso aprender..."

Cinco anos passaram até que, em 1943, a SENHORA LEANDRO DUPRÉ, em seu mais popular romance, **Éramos Seis**, apresentou um quadro doloroso da Revolução: "Nessa noite chegaram trens com feridos e mortos; o clube da cidade (Itapetininga) já estava transformado em hospital. Um grande silêncio caía como uma sombra sobre a cidade todas as vezes que vinha da frente um trem de feridos; todos se lamentavam e sofriam quando viam os soldados pálidos e doentes descerem do trem apoiados uns aos outros ou deitados em macas, tão pálidos como o próprio lençol que os cobria. E um silêncio pesado se fazia quando surgia um morto, carregado com cuidado e carinho. O povo se afastava

respeitosamente para o morto passar e lá se ia levado pelos amigos, cheio de glória e de feridas para um canto qualquer da terra.

Em **Dona Lola**, romance publicado em 1949, a SENHORA LEANDRO DUPRÉ, voltou a lembrar, em dois pequenos trechos desse livro, a grande epopéia: “Nove de Julho de 1932. Foi a data mais bela da história paulista. A data magna. Os meses sangrentos de 32 foram trágicos mas em meio à tragédia houve o mais arrebatador dos heroísmos. Nunca mais essa data se apagará da memória dos paulistas, principalmente daqueles que a presenciaram...” “... Sabem como foi? Foi como se um vento de loucura tivesse varrido a cidade, uma loucura de grande elevação moral, acima dos preconceitos, das vaidades, das diferenças sociais; irmanava a população. Igualava. O ideal era muito alto e nada podia pairar acima dele. Era, apenas, o ideal, a Causa”.

Em 1948, RUI COSTA GODOI estreava nas letras de ficção com o romance **Vida em Tormento**, peça dramática, comovente e singela, um libelo contra a sociedade reputada injusta. Na parte histórica narrou episódios da Revolução, a partir do momento em que se incorporou no Batalhão Francisco Glicério: sua participação no combate travado em Caconde e a retomada da cidade; os momentos angustiosos da luta: “Após quase quarenta horas de fogo recebemos ordem de retirada. O fato é que éramos poucos soldados, pois parte dos nossos havia seguido para outros setores, dias antes. E não tínhamos recebido reforço até o momento da retirada”. Páginas adiante prossegue: “As nossas metralhadoras tocavam zé-pereira noite e dia. Mas, quando o fogo se tornava cerrado e o inimigo despejava balas dum-dum, sem dó nem piedade em cima de nós, tínhamos uma noção exata do perigo e sabíamos que a nossa vida estava por um fio”.

Publicado no mesmo ano, porém escrito de janeiro a maio de 1933, quando o autor estava exilado, na França, em virtude de sua destacada participação na Revolução Constitucionalista, é o romance **Palmares pelo Averso**, de PAULO DUARTE. Embora obra de ficção, é este o único romance inteiramente voltado para os acontecimentos de 1932, permitindo que se compreenda muito do que se passou no Brasil, desde os dias que antecederam ao Movimento Constitucionalista e toda a história da campanha militar.

Não Sei Se Voltarei, é o romance de ANTONI DI MONTI, publicado em 1951. Sua obra é uma evocação da terra onde nasceu, oferecendo ao leitor oportunidade de passear, em pensamento, pela cidade de Campinas. E entre suas afetuosas recordações não deixou de incluir aquelas que, em sua memória, bem gravadas ficaram, os fatos relacionados com a Revolução Constitucionalista.

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA, ocupante da cadeira nº 12, da Academia Paulista de Letras, intelectual paulista que se alinha

entre as mais notáveis escritoras do país, publicou, em 1960, o romance **Raiz Amarga**, a história da burguesia de São Paulo, no período transcorrido das vésperas do grande desastre financeiro de 1929, até a década de cinquenta, com destacada referência ao Movimento de 1932.

É um período triste lembrando a morte, em combate, de um voluntário paulista, o transporte de seu corpo e o funeral em São Paulo, concluindo com a menção dos últimos dias dessa epopéia: “De fato a gloriosa revolução estava perdida militarmente. Por falta de munição, do prometido apoio do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais e por ter falhado a cooperação de Mato Grosso. Os efetivos do Exército da Força Pública, bem como os batalhões de voluntários e a população do Vale do Paraíba, conheceram afinal o drama da retirada (...) Uma tarde correu com insistência o boato que havia negociações para o armistício. Dias depois, informes ainda confusos falavam em rendição incondicional”.

O **Desembargador Ruival**, publicado em 1954, romance de ANTÔNIO BENEDITO MACHADO FLORENCE que, descrevendo a sociedade de São Paulo, a partir de 1914, lembra a Capital em 1930, com seus dias conturbados de após a revolução, interventores a se sucederem e revolucionários a se desentenderem, dividindo-se, formando alas, esfalecendo-se em grupos, alcançando a noite de 23 de Maio de 1932, quando é derramado o primeiro sangue, o dos quatro jovens, mortos na Praça da República, Martins, Miragaia, Drauso, Camargo. Depois a nossa Revolução e o quadro heróico que o autor apresenta, tantas vezes realmente verificado: “Dentro de dias a situação se agravara. As tropas adversárias fortemente armadas e dispoendo de copiosa munição ameaçava romper a linha de frente. (...) O inimigo procurava forçar dia e noite uma passagem. Porém, em manifesta inferioridade de homens, armas e munições a tropa resistia e a posição continuava sendo titanicamente defendida”.

Os primeiros dias do Movimento Constitucionalista são narrados no romance do mesmo ano, **Tarsila, A Mulher que Não Pecou**, de E. FERNANDES MURIEL: “Ao cair da noite já se sabia que o Embaixador Pedro de Toledo havia renunciado a interventoria, para aceitar corajosamente o posto altamente honroso de Governador de todos os paulistas que lhe era conferido pelo povo e pelo exército revolucionário.

Três dias após, os postos de recrutamento já não mais davam vazão à faina de recrutamento, tantos e tantos eram os jovens que num crescente de patriotismo e de valor se apresentavam resolutos e dispostos a seguir para as primeiras linhas de combate ! Sem distinção de credo, cor ou lugar de nascimento, todos os cidadãos residentes em São Paulo se julgavam no dever de acorrer ao chamado, para lutar pela grande causa”.

Sob o pseudônimo de Aluísio de Almeida, o conhecido historiador radicado em Sorocaba, Padre LUÍS CASTANHO DE ALMEIDA, publicou, em 1964, um pequeno romance, **Campina do Monte Alegre**, elaborado em duas partes, a história de uma professora que vai exercer o magistério em um bairro do município de Angatuba, onde contrái

matrimônio com a personagem central da segunda parte da obra. Aí são descritos fatos e cenas da Revolução, dos combates na Região Sul do Estado, de momentos vividos pelo destacamento Tenório de Brito e dos últimos dias do épico acontecimento, desenrolados no Parque do Ibirapuera, junto ao monumento do Soldado Constitucionalista.

Após o aparecimento desse romance, onze anos passaram até que nova obra viesse recordar os fatos de 1932. Foram eles lembrados, em breve trechos, em um dos livros do falecido acadêmico **IBIAPABA MARTINS, A FLOR e o Estandarte**. É, na parte inicial, um retrospecto de fatos ocorridos na capital paulistana, logo após o término da Revolução, quando, participantes dela, são envolvidos por elementos do Partido Comunista. A parte segunda do romance é vivida em São Domingos, cidade fictícia. São páginas soberbas e pungentes daqueles dias inesquecíveis: “Sopra o vento no planalto beijando os túmulos do cemitério situado no topo da alegre descuidada São Domingos (...). Sob sete palmos de terra roxa estão os ossos de um soldado morto por bala que, meses antes, regou com sangue as batalhas de 32. São Domingos espera os restos mortais de mais três heróis que hão de chegar, depois de recolhidos em desconhecidas grotas, em difíceis barrocas e fraldas de montanhas. **ESPE-RATOR!** A cidade espera os nossos ossos espalhados dos heróis de 32, que nasceram, criaram-se ou viveram um dia em São Domingos.

Arrastando-se na noite, os cotovelos fincados no morro, avançam levando uma metralhadora. À frente, uma arma pesada atira sem parar e as hastes de jaraguá são ceifadas como asas de borboletas que se aproximam de lâmpioes. A noite é escura, mas, nas fímbrias da serra, há indefiníveis revêrberos das luzes da madrugada. Espaçadamente, urra, como um touro na campinas o canhão.

Quando o sol iluminou a barroca, dezenas de corpos começaram a adquirir a rigidez da morte”.

Participante que foi da Revolução Constitucionalista quando contava 15 anos de idade **AURIPHEBO BARRANCE SIMÕES** escreveu, em 1979, o romance **Um Punhado de Nada**.

Para elaborá-lo, serviu-se de aspectos inexplorados da Revolução, utilizando-os como pano de fundo para a narrativa. Nela há períodos que se referem ao bombardeio de Cruzeiro pela aviação inimiga: “Subitamente, em rajadas curtas, uma metralhadora pôs-se a pipocar perto. Alguns soldados ergueram molemente as cabeças, procurando distinguir alguma coisa no céu cuja claridade feria a vista (...) Muito Alto, perdido no azul brilhante, sem ruído, voava um pequeno avião. Era um “vermelhinho”.

... Um soldado ajoelhou-se e com seu fuzil começou a fazer fogo contra a aeronave. Quase todos os que estavam armados seguiram o exemplo. O avião baixou, numa espécie de mergulho sobre o pátio ferroviário. A multidão dispersou-se rapidamente e os soldados atiraram-se no chão. Em algum outro ponto uma metralhadora começou a latir furiosamente”.

O último romance contendo referências à Revolução de 1932, foi publicado em 1978. De autoria de VINÍCIO STEIN DE CAMPOS, **Teruko**, romance da imigração japonesa, registra episódios da chamada República Velha, a vida urbana de São Paulo na “belle-epoque”, a rebelião de 1924, a eleição do paulista Júlio Prestes para a Presidência da República e outros relacionados com a história de São Paulo.

A respeito da Revolução Paulista o autor escreveu: “A Revolução Constitucionalista nascia, pois, como uma autêntica explosão popular. Mal deflagrada, foi tão vulcânica a adesão total das massas, que se inverteu, por assim dizer, a ordem natural das coisas, transformando-se ela numa revolução de baixo para cima, isto é, o povo indignado tomava em suas mãos, em arrancada irresistível, a bandeira da guerra”.